



REDATOR PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
EDITOR — JOAQUIM CARDOSO

Redacção, administração e tipografia, Calçada do Combro, 38-A, 2.^o
Lisboa - PORTUGAL
Endereço telegráfico: *Talhava-Lisbon* • Telefone 8339 C.
Oficinas de impressão - Rua da Atalaia, 114 e 116

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

CONFRONTANDO

A Espanha reaccionária

Um manifesto da C. N. T., que mostra a energia e a esperança de que estão possuides os nossos camaradas espanhóis

Ante as perseguições brutais que a burguesia de braço dado com os socialistas vem fazendo, os sindicalistas espanhóis não desanimam. O seu espírito de rebeldia resiste, mantém-se.

Tem contado também com a solidariedade do proletariado internacional, que está com eles e que como eles deseja uma sociedade melhor.

A Confederação Nacional do Trabalho fez distribuir um manifesto, onde se advinha a mesma energia, o mesmo espírito de rebelião, a mesma fé na renovação social que fatalmente se dará.

Vamos transcrever aqui, desse manifesto, algumas passagens mais interessantes:

"Aqui, onde nas cadeiras ministeriais apenas tem assento os homens medíocres, incapazes e falhados, à falta de estudo dos problemas e de inteligência para resolvê-los, faz-se uso e abuso da mauséria e da carabina.

"Não, nos vamos lamentar deste fato, pois já o esperávamos. Vivemos numa época na qual não triunfa senão a força bruta; época em que o poder não desenvolve outro trabalho senão o de consagrar o instinto sanguíneo de seus subordinados; mas temos o dever de lançar aos quatro ventos a verdade dos factos e proclamar muito alto a nossa fé no futuro. Por este meio não conseguiremos abater o nosso espírito nem as nossas ânsias de reivindicação.

"Prossigam, na sua tarefa os assassinos uniformizados. Continue a Confederação Patronal fomentando o morticínio e mantendo bandos recrutados em bas-fonds, com carne de presídio; agrupem reacionários e burgueses, sotomatenistas e espiões em torno de dois militares grosseiros e cruéis para canibalizar-las; juntem-se os jornalistas assassinados para elogiar os seus crímenes; façam a frente unica de todas as forças que representam o privilégio e a injustiça social para opor-se a progresso dos tempos. Nada nos atormenta nem acobarda. Seguiremos impávidos a nossa marcha, que outros, quando nôs cairmos, continuaremos com a mesma tenacidade."

Para bem se avaliar a forma ainda como os sindicalistas encaram o terrorismo burguês, torna-se necessário recordar esta parte do manifesto, referente aos atentados sociais:

"Não ligamos grande importância ao atentado pessoal. Sabemos que o nosso triunfo é de ser colectivo e, portanto, obra de todos; mas ante a estranha conduta dos poderes constitucionais devia merecer desta o máximo respeito — viva uma permanente vida de misérias, como se a uma raça inferior ele pertencesse.

Em referência aos industrialistas do jornalismo, eles mesmos se encarregam de demonstrar, no artigo que no domingo apareceu na edição matutina do seu órgão, contra o que queriam concluir que se os jornais se vendem mais caros do que custa o respectivo papel de impressão, não sucede assim por virtude de qualquer influência exercida, quanto ao custo do mesmo papel, pelo pessoal das empresas jornalísticas, antes podendo e devendo atribuir-se a enorme desproporção que se verifica à desmedida ganância das empresas papaleiras, para as quais, talvez, o articulista do *Jornal do Povo* tem uma recriminação... porque os operários se não tratam de capitalistas de polpa, algumas delas muito afeiçoadas às empresas jornalísticas...

Sabiram os salários, não há dúvida — o curioso seria se não houvessem subido — mas não foram elevados em proporção com o que tom subido o preço dos artigos necessários à existência, e os jornais burgueses isto mesmo se tem reconhecido proclamado, aliás sem favor.

Pois apesar disso, quando os trabalhadores dos jornais reclamaram no intuito de se colocar em condições não superiores aquelas em que se encontravam antes da guerra, mas para viver em condições idênticas, responderam-lhes secamente que, por motivos óbvios, não podem ser atendidos, forçando-os a lançar-se na greve, por esta forma, diligenciam conquistar o que o patronato por meios suasórios não está disposto a conceder-lhes.

Depois de declarada a greve, duas tentativas foram feitas, no sentido de solucionar o movimento, por individualidades que não podiam justamente ser consideradas como afectas aos trabalhadores dos jornais. Estes, conforme foi publicamente reconhecido pelas referidas individualidades, mostraram-dispostos a discutir com os representantes das empresas ou com quem quer que fosse, as suas reclamações. As empresas, porém, a despeito de tantos argumentos dizeram possuir, sistematicamente se opuseram a chegar à fala.

E apesar disto ser rigorosamente verdadeiro, os menores dos grevistas, segundo os arautos das empresas, é que estão demorando a solução do conflito...

A propósito da Conferência de Paris

Apreciando a resolução tomada na Conferência de Paris, entre a França e Inglaterra para imporem à Alemanha o pagamento de 300 milhões de libras, acrescido de 12 por cento sobre todas as exportações, escreveu H. N. Brailsford, no *Daily Herald*, órgão do partido trabalhista inglês, um magistral artigo do qual vamos resumir algumas passagens.

Nesse artigo demonstra él que, para Alemanha o pagamento da indemnização representa enviar para o estrangeiro as suas mercadorias absolutamente grátis. Ora, como é natural, as matérias-primas e os que produzem esse trabalho, tem de ser pagos e alimentados, e este é a ver a situação miserável que tudo isto acarretará para o desgraçado povo alemão.

Pagando este ano a primeira indemnização, isto é, 100 milhão de libras esterlinas, a Alemanha fica com um déficit duplo da receita anual. E provável que os aliados digam que, para obterem os fundos necessários, se lancem novas contribuições, mas também estas já estão agravadas de 43 por cento aproximadamente, de forma que isso só será resolver um mal com outro ainda pior.

Para satisfazer as imposições da Conferência de Paris, o proletariado alemão terá de trabalhar noite e dia e terá ainda um mercado para colocar por conta dos aliados as suas mercadorias.

No entanto, estes parecem não estarem dispostos a auxiliá-los neste sentido, pois que a França já levantou barreiras, e o governo inglês pretende apresentar à Câmara dos Comuns um bilt para proteger a indústria inglesa da concorrência alemã.

A Alemanha encontra para poder concretar no estrangeiro terá de fazer descer ainda mais o custo da mão de obra, aumentando assim o número dos tuberculosos e dos raquiticos, pois isto durará 42 anos. Obrigada a exportar em grande escala, terá de basear a sua produção num trabalho não remunerado, e nestas condições — preguntou Brailsford — quanto durará a alta dos salários na Inglaterra? Com esta tática, parece pretender o capitalismo aliado pôr o pé no pescoco do proletariado alemão, para depois, com mais facilidade, o pôr no dos trabalhadores dos seus países.

A memória de Krapotkine

Na sessão plenária da Federação Comunista de Moscovo, à qual assistiram também representantes dos conselhos de fábricas e das Federações sindicais, Kameniev pronunciou um discurso prestando homenagem à memória de Krapotkine. A assembleia decidiu dar o nome de Krapotkine a uma rua de Moscovo e a uma das maiores bibliotecas da cidade e transformar a casa onde nasceu o grande revolucionário num museu Krapotkine.

As horas desandam

Dizem que o homem desce do macaco. Se tal afirmação é verdadeira, ficaria perfeitamente explicada a razão por que o português é mais macaco do que todos os homens.

Aqui tudo se macaqueia do estrangeiro: as modas, as escolas literárias, os vícios e as maneiras de andar. O que os outros tem utilidade em usar, imitam os portugueses, os mais patriotas principalmente, sem utilidade alguma; desnacionalizando-se, desmentindo a cada passo a fé nacionalista.

É curioso que nós, anti-patriotas, sejamos, por vezes — sem o desejar — os que ajuntarmos aos actos uma única parcela do credo nacionalista — os que defendemos os hábitos próprios, naturais do povo.

Achamos bem que todos os hábitos estrangeiros que nos possam ser úteis sejam por cá adoptados. Porém, se entremos nouros hábitos de moral ou utilidade, superiores aos estrangeiros que necessidade há de adoptar os lá de fora, quando eles nos traem apenas prejuízos?

Durante a guerra os aliados tomariam a resolução de adiantar e atrasar, em determinados períodos, os ponteiros ao relógio. Havia, dizia-se, grandes vantagens nessa dança de ponteiros. Nunca vimos, no entanto, que o custo da vida baixasse por esse motivo...

Terminou a guerra e os governantes

A ARTE E OS ARTISTAS

A figura máxima do Teatro Português

D. João da Câmara

III

Sustentando em *Os Velhos*, como já vimos, a teoria da resignação, é o alto sentimento da renúncia que D. João da Câmara proclama na *Triste Viuvinha*, demonstrando-nos que a sua tese conduz as almas à verdadeira felicidade, que consiste, como diz uma velha, máxima libertária, em contemplar a felicidade alheia. Esta peça é o complemento dos *Velhos*; são duas peças onde o coração e o cérebro do autor se uniram na mais estreita colaboração. É por isso que sendo, uma e outra, peças de carácter sentimental estão isentas daquela piëguice infantil que, tendo por intuito comover-nos, antes nos irrita, como o mau intérprete de uma melodia de Rebello, caído por fim, ferido também pela dor, nos braços do tablado.

Barros é um sargento da guarda fiscal que de norte a sul do país entrou com as raparigas com os trinados da sua guitarra, como os zangarinhos perturbam as castelhas com os acordes melodiosos dos seus violinos. É um tipo curioso de conquistador, exagerando os seus dons físicos para tentar as moças casadoras. Com a *allus* de um Cirano que conta as suas 5 facanhas de Adonis-Núncia, porém, abusou da fraqueza das pobres e gentilmente que ele diz: *Deixo aqui um pedacinho de coração repartido por todos*. Uma, porém, apossou-se-lhe de maior parte desse orgão, e para sossegar o espírito alentejou-o viver no ambiente do tablado.

João da Alegria é o galan por quem Nazaret se apaixonou. Mestre-escola na aldeia, oferecem-lhe melhor colocação na capital do distrito. Recusa. Supõe-se que para não deixar o velho pai ao desamparo. Em parte é assim; mas o que mais o obriga a permanecer na aldeia é a paixão pela nova do tablado. Tendo-lhe dado uma esperança, inesperadamente ela retira-lha, aduzindo razões que o venceu. Então resolve partir, resignadamente, estocicamente, em procurar o esquecimento que perta dela não poderia conseguir.

Forga a viver no ambiente do tablado da casa do sogro, onde tudo lhe recorda a sua viuvinha, *Nazaret* anseia por libertar-se desse luto que sente bem a pesar-lhe na alma, casando com o filho do alferes *Alegria*. Para não tirar parte da felicidade ao velho tablado, para não destruir a última ilusão que lhe almeja o espírito, aí impõe-lhe o sacrifício das suas aspirações de alma.

Não podendo refrear a sua alma insatisfeita, não podendo satisfazer esse desejo, suplica: *Diga-me se sabe de mulher que pelas ansiadas de quem quer que fosse tenha feito um tal sacrifício. Mostre-me Deus o mesmo caso noutra mulher, que faça o que eu não posso e talvez nele encontre forças*. Essa mulher aparece-lhe e o exemplo da sua abnegação encoraja-a para sacrificá-la felicidade do velho e seu futuro, os seus sonhos de felicidade.

Assunção é uma enigmática que o Alferes e *Alegria* se amam, a mais elevada compreensão dos deveres humanos, que obriga a sacrificar parte das aspirações próprias em benefício da felicidade alheia. Desta arte, umas personagens contribuem abnegadamente para a felicidade das outras, embora tal sacrificium parte das suas ânsas, das suas esperanças insatisfatórias.

Teatralmente o conflito decorre serenamente, suavemente, sem que as grandes violências teatrais perturbem a condução lógica das cenas, a simplicidade lírica da ação, como veio de aguia, cristalina e pura, que vai perder-se leito mormurejante dum rio caudaloso.

Rebelo é um tablão apontado que vive a curir saudades pelo filho morto. É miguelista; porém as suas opiniões políticas não o impedem de receber em seu lar um velho combatente da causa legitimista. Tão estremosos são estes dois adversários que o miguelista diz:

Nem sei como a Deus mereço tais amizades, começando-lhe num discurso desabrido que as indisponibiliza por alguns momentos. Mas como tem uma alma sensível, logo se reconcilia, esquecendo assim os agravos que do velho mortal recebeu. Hoje, de ideias retrógradas, desculpa o Alferes por não ter casado com a mulher com quem viveu largos anos, dizendo: *E-nos prova da misericórdia divina o amparo que é deles*.

Não concebe por isso que a hora, que adorava o marido, possa contrair segundas núpcias, mas admitindo essa hipótese, desobriga-a das obrigações para com ele, embora isso lhe vá anegar ainda mais a vida. A dor e os desgostos tornaram-no profundamente religioso, mas tem o espírito impregnado daquela religião das almas simples, todo sentimento e elevação moral.

Pelo contrário, o Alferes não tolera coisa que cheire a carolice nem a pradaria. Nos ataques ao adversário a paixão política é a fobia religiosa levam-no a dizer injustiças. Ele, porém, defende-se: *Eu é que, sendo homens da seta negra, que olga dizer mal deles, não quero saber se é verdade se é mentira, é por bem e grito logo: — Chegai-lhes!* Mas momentos depois, serenada a borrasca, deixa ver ao pescoco o cordão de um escapulário. E é este herege que ainda retém na memória as modas religiosas que aprendeu em rapaz.

Já toda a gente conhece o valor dos portugueses da nossa terra; não há um único que inspire confiança.

O sr. Bernardino Machado tem andado de Herodes para Pilatos, cumprimentando este, sestando aquele, sem colher os resultados desejados. E custoso arranjar caras novas para figurar na farça do Terreiro do Paço.

Ja toda a gente conhece o valor dos portugueses da nossa terra; não há um único que inspire confiança.

O sr. Bernardino, mesmo, já deu o que tinha a dar-comprimentos, política da guerra... — O sr. Bernardino não dá mais nada. Perdão, parece que dará um ministro. Porém, as dificuldades encontraram-no.

As horas desandam

Dizem que o homem desce do macaco. Se tal afirmação é verdadeira, ficaria perfeitamente explicada a razão por que o português é mais macaco do que todos os homens.

Que resulta desse facto grande economia para a nação é o que se diz para aí, mas nunca se provou. Se é verdadeiro esse facto, porque, em vez de uma, não se adiantam duas horas? Seria dupla economia. E, que diabo, adiantar-se 24 horas, uma semana, um dia, três anos. Passámos a viver em 1924! Fazer, com um simples movimento de ponteiros, decorrer, em alguns minutos, três ou quatro anos equivalentes de milhares de contos de réis por dia.

É curioso que nós, anti-patriotas, sejamos, por vezes — sem o desejar — os que ajuntarmos aos actos uma única parcela do credo nacionalista — os que defendemos os hábitos próprios, naturais do povo.

Achamos bem que todos os hábitos estrangeiros que nos possam ser úteis sejam por cá adoptados. Porém, se entremos nouros hábitos de moral ou utilidade, superiores aos estrangeiros que necessidade há de adoptar os lá de fora, quando eles nos traem apenas prejuízos?

Durante a guerra os aliados tomariam a resolução de adiantar e atrasar, em determinados períodos, os ponteiros ao relógio. Havia, dizia-se, grandes vantagens nessa dança de ponteiros.

As horas desandam

Dizem que o homem desce do macaco. Se tal afirmação é verdadeira, ficaria perfeitamente explicada a razão por que o português é mais macaco do que todos os homens.

Que resulta desse facto grande economia para a nação é o que se diz para aí, mas nunca se provou. Se é verdadeiro esse facto, porque, em vez de uma, não se adiantam duas horas? Seria dupla economia. E, que diabo, adiantar-se 24 horas, uma semana, um dia, três anos. Passámos a viver em 1924! Fazer, com um simples movimento de ponteiros, decorrer, em alguns minutos, três ou quatro anos equivalentes de milhares de contos de réis por dia.

Valia muito mais gastar alguns minutos a fazer desandar o tempo, do que todas as propostas de finanças de todos os Cunhas Leais...

As horas desandam

Dizem que o homem desce do macaco. Se tal afirmação é verdadeira, ficaria perfeitamente explicada a razão por que o português é mais macaco do que todos os homens.

Que resulta desse facto grande economia para a nação é o que se diz para aí, mas nunca se provou. Se é verdadeiro esse facto, porque, em vez de uma, não se adiantam duas horas? Seria dupla economia. E, que diabo, adiantar-se 24 horas, uma semana, um dia, três anos. Passámos a viver em 1924! Fazer, com um simples movimento de ponteiros, decorrer, em alguns minutos, três ou quatro anos equivalentes de milhares de contos de réis por dia.

As horas desandam

Dizem que o homem desce do macaco. Se tal afirmação é verdadeira, ficaria perfeitamente explicada a razão por que o português é mais macaco do que todos os homens.

Que resulta desse facto grande economia para a nação é o que se diz para aí, mas nunca se provou. Se é verdadeiro esse facto, porque, em vez de uma, não se adiantam duas horas? Seria dupla economia. E, que diabo, adiantar-se 24 horas, uma semana, um dia, três anos. Passámos a viver em 1924! Fazer, com um simples movimento de ponteiros, decorrer, em alguns minutos, três ou quatro anos equivalentes de milhares de contos de réis por dia.

As horas desandam

Dizem que o homem desce do macaco. Se tal afirmação é verdadeira, ficaria perfeitamente explicada a razão por que o português é mais macaco do que todos os homens.

Que resulta desse facto grande economia para a nação é o que se diz para aí, mas nunca se provou. Se é verdadeiro esse facto, porque, em vez de uma, não se adiantam duas horas? Seria dupla economia. E, que diabo, adiantar-se 24 horas, uma semana, um dia, três anos. Passámos a viver em 1924! Fazer, com um simples movimento de ponteiros, decorrer, em alguns minutos, três ou quatro anos equivalentes de mil

Dura lex...

A semelhança de muitas outras ou de todas as leis relativas às subsistências, todas elas mais ou menos defensivas, existe aí uma lei reguladora do consumo de pão nos hotéis, nas casas de pasto, pensões de família e tabernas frequentadas, exclusivamente e por necessidade, por operários de limitadas posses.

Acontece que, de harmonia com a referida lei, os fiscais do Comissariado dos abastecimentos exercem uma activa e constante vigilância nos sobreditos estabelecimentos, em especial nas tabernas e pensões, de maneira a impedir que nas mesmas e como a lei determina se consuma pão de segunda qualidade, e aplicando as muitas estabelecidas na mesma lei aos donos dos mesmos estabelecimentos, quando encontrados em transgressão, isto é, quando fornecem pão de segunda qualidade em lugar de pão de primeira.

Ora este facto, que se presta aos mais acerbos e justos reparos, constitui, um verdadeiro atentado contra a liberdade individual e obriga a uma despesa considerável todos aqueles que tomam suas refeições na taberna e nas pensões, não se permitindo que alguém leve de fora o pão de segunda para come-lo nesses casos em substituição do pão de primeira, de sorte que o pobre, neste particular, simples operário modesto, ou modesto e simples burocrata ou empregado de balcão ou de carteira, tem que fazer de homem rico comendo e pagando, à força, pão da mesma qualidade e do mesmo preço que as pessoas abastadas comem nas suas casas e nos hotelis de primeira ordem.

Exposto este facto muito sumariamente ao sr. Peres Trancoso, comissário dos abastecimentos respondeu s. ex.º ao expositor, que é a pessoa que subscreve estas linhas que o sr. ministro da agricultura, muito melhor e mais depressa do que él poderá resolver convenientemente ácerca do mesmo facto que resulta dum a lei já existente quando o dito sr. comissário entrou no exercício das suas funções como tal, acrescentando ainda o sr. Peres Trancoso que não acha justo que uma taberna ou uma pensão cuja clientela é constituída por operários e outros salariados mal providos de recursos pecuniários sejam comparados a hotel de Inglaterra e outros estabelecimentos similares de primeira categoria.

Estamos, por conseguinte, em presença dum a violência da lei que não deve subsistir e à qual e quanto antes se deve pôr cōbrio por meio dum aportaria que permita que nas tabernas e pensões, à semelhança do que se faz nas cozinhas económicas, seja consumido pão de segunda quando assim convier ao fregues, tanto mais que ninguém pode ser obrigado a comer pão fino, chamaço de luxo, quando não pode chamar.

Isto pela mesma razão que não se obriga pessoa alguma a viver grande e a usar brilhantes, possa quem não possa entrar nessa despesa, donde se tira que é racional e humano permitir que cada um se aliente segundo o seu desejo e as suas posses, principalmente com economia e para que os donos das tabernas e das pensões não sejam multados por não obrigar os seus fregueses a comer pão de primeira, como ainda há poucos dias sucedeu no hotel Gallo, onde comem apenas modestos empregados no comércio, em troca dum a menor despesa que não dā margem a substituir-se-lhe o pão de primeira pelo de segunda.

Estou certo de que e de maneira geral o sr. ministro da agricultura e o sr. comissário dos abastecimentos hão de resolver convenientemente este assunto, dum vez por todas, beneficiando assim grande número de pessoas que se alimentam nas tabernas e pensões, não por simples prazer seu, mas apenas por necessidade, aquela necessidade que, sendo lei, obriga a suavizar a dureza das outras leis menos imperiosas que as leis da natureza.

Lisboa, 26-2-92. José Benedy.

Partido Comunista

Continuou ontem a discussão, na especialidade, das bases orgânicas para o futuro organismo. Ficaram aprovadas até ao Capítulo I, com pequenas modificações.

Presidiu à sessão o camarada Raul Baptista, secretariado por Antônio Gimina e Antônio Ferreira.

Tomaram parte na discussão: Maquel Pereira, Júlio Rodrigues, Bernardino dos Santos, Antônio Magina, Caetano de Souza, Artur Bastos, Joaquim Cardoso, Jerônimo Correia e Maquel de Azevedo.

A discussão continua hoje, pelas 20 horas, no mesmo local.

A CONFERÊNCIA DE LONDRES

Foi tratada largamente a questão do Oriente

PARIS, 27.—Na conferência de Londres foi resolvido, depois de várias perguntas feitas às delegações turca e grega, verificar nos locais quais as cifras das populações das zonas contendas.

Bekir Sami Bey respondeu em nome dos turcos que as delegações turcas se felicitavam por este decisivo. Bekir Sami Bey, a pedido de Briand acusou sem dificuldade que as hostilidades cessassem em todas as frentes. Como Calegropoulos, em nome da delegação grega, declarasse não poder dar logo qualquer resposta definitiva sem receber instruções que tinha solicitado de Atenas, foi decidido tratar, a partir de sábado, das questões da Arménia e do Kurdistão.

A imprensa francesa diz que Lloyd George, Briand e o conde de Storza estão convencidos de que os gregos aceitariam a arbitragem dos aliados na questão de Smyrna e da Trácia Oriental, e acredita-se também que a assembleia turca de Angora aceitará também por seu lado outras cláusulas do tratado de Sèvres que serão beneficiadas nalguns pontos. Estas soluções tem o mérito de finalizar o estado de guerra nesta região. Os kemalistas mostram um vivo desejo de se entender com a Grécia, para com a qual manifestaram uma pública gratidão.

Haddad Pachá, representante do rei de Hejaz, é que não recebe nenhuma satisfação aos seus pedidos, e parece que nenhuma satisfação obterá. —Rádio.

A fome em Inglaterra

Oito milhões de pessoas condenados à miséria

Segundo o Daily Herald, o número dos sem trabalho na Inglaterra continua a aumentar. Em 28 de Janeiro estavam registados 1.059.800 desempregados, tendo só na última semana desse mês sido despedidos 61.371 operários. Acrescentando a este número os que não se tem registado, sobre ele a cerca de dois milhões, que com mulheres e filhos perdas aproximadamente a soma de oito milhões de desgraçados condenados à fome e à miséria.

Até agora pregavam os arautos da burguesia a necessidade imperiosa de produzir mais e de se trabalhar mais horas, para afinal occasionarem uma crise de super-produção, que com os seus efeitos terríveis está demonstrando bem a perfeição da actual organização social, pois que a abundância em vez de produzir bem-estar está só causando desgraças.

Está claro que, dentro da sociedade capitalista, a super-produção terá sempre como resultado o que agora se observa, mas, apesar disso, não acreditamos que seja a causa da crise actual, pois que algumas declarações já feitas levam-nos a crer que se trata dum entendimento internacional, afim de antijugar o espírito revolucionário das classes trabalhadoras, e de reduz-las, pela fome, a miseriosos Farraps humanos, sem vontade e sem accão; mas talvez que, brincando com o fogo, a burguesia se queime!

Em Lincoln os operários desempregados já falam em assaltar as fábricas, e pôs-a a trabalhar por sua própria conta, e será esta sem dúvida a melhor maneira de resolver a questão no presente momento.

Congresso Nacional Metalúrgico

Sessão de propaganda em Lagos

LAGOS, 24.—Na Associação dos Sindicadores, realizou-se uma importante reunião para a organização do Sindicato Único Metalúrgico desta localidade e resolver-se sobre a adesão ao próximo Congresso Nacional da indústria.

Fizeram uso da palavra nesta reunião os camaradas Francisco Viana e Jólio de Matos, delegados do Sindicato Único Metalúrgico de Lisboa, que sinalizaram a necessidade da criação de um sindicato onde se agrupassem todos os metalúrgicos, sendo de lamentar que esta classe de há mais tempo se não tenha organizado. Referem-se largamente as vantagens de tal organização e ao próximo Congresso Nacional que ha de marcar uma nova era para os metalúrgicos do país.

Falaram ainda os camaradas da cidade Domingos Gonçalves e Francisco Duarte, dando o seu apoio à exposição dos camaradas que os antecederam e convidando os presentes a ingressar no sindicato.

Todos os oradores foram muito elogiados, sendo nomeada uma comissão composta de membros de todas as especialidades da classe metalúrgica, e para constituir o respectivo sindicato e para o corrente ano.

Sindicato Único Mobilhário.—Reunião administrativa.—Para apreciar o relatório da comissão revisora de contas, reuniram amanhã os componentes da especialidade dos manufactores de artigos de vime.

Pede-se aos compradores de oficinas, que ainda não prestaram contas, que tragam as respectivas cobranças à descarga.

Litógrafos e Anexos.—Reunião amanhã, das 15 às 20 horas, a comissão administrativa, presidível a comissão revisora de contas de todos os seus componentes devido aos assuntos a tratar.

Pede-se a comparecência a esta reunião, da comissão revisora de contas.

Manufactores de Calçado.—Reunião hoje, pelas 20 horas, a comissão de inquérito, afim de ultimar os seus trabalhos e tratar de um assunto de máxima urgência. Pede-se a comparecência de todos os membros.

Empregados Menores dos Correios e Telégrafos.—Reunião hoje, pelas 21 horas, a assembleia geral, para eleição dos corpos gerentes para o corrente ano.

Sindicato Único da Construção Civil.—Comissão de melhoramentos.—Reunião hoje, pelas 20 horas, os antigos e novos delegados, afim de se tratar de assuntos que se prendem com a marcha desta comissão.

Chaupeiros em Portugal.—Para assuntos de máxima urgência, reunião hoje, pelas 21 horas, a assembleia geral.

O funcionalismo público vai realizar uma importante reunião

Está constituída uma comissão de empregados das administrações dos concelhos e bairros, sob o patrocínio da Associação de Classe dos Empregados do Estado, a fim de promover uma reunião magna de todos estes funcionários, para o que todos os concelhos do país deverão enviar delegados.

Os assuntos marcados, para tratar nessa reunião, além de outros cuja apresentação e discussão será livre, são os seguintes:

Establishimento de subvenções diferenciais; equiparação de vencimentos; remodelação dos serviços das administrações concelhias e governos civis e dos quadros dos respectivos funcionários.

A reunião deve efectuar-se em Lisboa nos dias 17, 18 e 19 do corrente mês, na sede da Associação, da Madalena, 91, 2.º, devendo toda a correspondência relativa a este assunto ser dirigida para este local.

VIDA POLÍTICA

Bolsim de trabalho

A Comissão Executiva deste Bolsim, afim de evitar futuras reclamações de metalúrgicos sem trabalho, lembra a conveniência de estes se inscreverem no Sindicato, para não se repetir o caso de, como actualmente, não existir no Bolsim lista alguma de operários sem trabalho e a mesma comissão se vê obrigada a não impedir que operários do Arsenal de Marinha fôssem trabalhar para bordo do vapor *Minko* dos T. M. E.

Registando com satisfação o gesto dos camaradas arsenais em si direigem ao sindicato, afim de não pretendem prejudicar os seus camaradas, as direções dos Impresores, Compositores, Litógrafos, Fotógrafos e Encadernadores, para assunto importante.

COLUNA ESPERANTISTA

Lisboa Verda Stelo—Reunião amanhã a assembleia geral desta sociedade para se lances para a mesma paga uma secção de excursões de propagação.

Pede-se a comparecência de todos os sócios.

As eternas subsistências

Vem ou não o bacalhau da Terra Nova para Portugal?

S. JOÃO, (TERRA NOVA), 27.—A questão da vinda do bacalhau da Terra Nova nos mercados portugueses não foi ainda解决ada. O gabinete refinu-se ontem a fim de examinar a petição, virtualmente unânime, feita pelos exportadores, os quais reclamam que o governo antiere os regulamentos que fixam o preço e fiscalizam as vendas em Portugal, mas por fim foi resolvido aguardar os resultados dos esforços tentados pelo ministro das pesca, que se encontra actualmente em Portugal, relativamente a esta questão.

A aula de esperanto inaugurar-se-há no próximo domingo, 6 de Março.

Foram convidados vários camaradas em evidência no meio esperantista para usarem da palavra na sessão solene.

COLISEU DOS RECREIOS

A'S 21 HORAS

2.ª apresentação dos distintos artistas ginastas de argolas

—JORGE E DUARTE—

Magnífico e formidável programa da Grande Companhia de Circo

O maior e mais completo sucesso da actualidade.

Últimas notícias**Em Espanha**

A cegueira da polícia para uns...

BARCELONA, 28.—Faleceu Pedro Batrena, ferido há dias quando dos últimos acontecimentos.

Em várias casas, efectuaram-se novas prisões de sindicalistas, apreendendo importantes documentos.

No café Versalles, uns desconhecidos mataram dois operários. —Rádio.

e para outros vista excelente BARCELONA, 28.—Foi preso Pedro Borda, indigitado director dos complotos terroristas dos últimos tempos. —Rádio.

CONVOCAÇÕES

Federação do Calçado, Cozinhos e Peles—Reunião hoje, pelas 20 e meia horas, o conselho federal, para apreciar ofícios e consultas de diversos sindicatos aderentes.

Sindicato Único da Construção Civil.—Sessão profissional dos pintores, 25 de Fevereiro, pelas 20 horas, na sede da associação.

Empregados do Estado.—Os corpos gerentes e comissões de interesse da classe dos empregados do Estado, que se reuniram amanhã, devem comparecer na sede da mesma dia 5 de março, pelas 15 horas, afim de realizar aquele acto.

Sindicato Único Mobilhário.—Reunião hoje, pelas 20 horas, os corpos gerentes deste sindicato.

Manufactores de Calçado.—Reunião hoje, pelas 20 horas, a comissão de inquérito, afim de ultimar os seus trabalhos e tratar de um assunto de máxima urgência. Pede-se a comparecência de todos os membros.

Empregados Menores dos Correios e Telégrafos—Reunião hoje, pelas 21 horas, a assembleia geral, para eleição dos corpos gerentes para o corrente ano.

Sindicato Único da Construção Civil.—Comissão de melhoramentos.—Reunião hoje, pelas 20 horas, os antigos e novos delegados, afim de se tratar de assuntos que se prendem com a marcha desta comissão.

Chaupeiros em Portugal.—Para assuntos de máxima urgência, reunião hoje, pelas 21 horas, a assembleia geral.

Manufactores de Calçado.—Reunião hoje, pelas 20 horas, a comissão de inquérito, afim de ultimar os seus trabalhos e tratar de um assunto de máxima urgência. Pede-se a comparecência de todos os membros.

Sindicato Único da Construção Civil.—Reunião amanhã, pelas 20 horas, os delegados, afim de se tratar de assuntos que se prendem com a marcha desta comissão.

Chaupeiros em Portugal.—Para assuntos de máxima urgência, reunião hoje, pelas 21 horas, a assembleia geral.

Manufactores de Calçado.—Reunião hoje, pelas 20 horas, a comissão de inquérito, afim de ultimar os seus trabalhos e tratar de um assunto de máxima urgência. Pede-se a comparecência de todos os membros.

Sindicato Único da Construção Civil.—Reunião amanhã, pelas 20 horas, os delegados, afim de se tratar de assuntos que se prendem com a marcha desta comissão.

Chaupeiros em Portugal.—Para assuntos de máxima urgência, reunião hoje, pelas 21 horas, a assembleia geral.

Manufactores de Calçado.—Reunião hoje, pelas 20 horas, a comissão de inquérito, afim de ultimar os seus trabalhos e tratar de um assunto de máxima urgência. Pede-se a comparecência de todos os membros.

Sindicato Único da Construção Civil.—Reunião amanhã, pelas 20 horas, os delegados, afim de se tratar de assuntos que se prendem com a marcha desta comissão.

Chaupeiros em Portugal.—Para assuntos de máxima urgência, reunião hoje, pelas 21 horas, a assembleia geral.

Manufactores de Calçado.—Reunião hoje, pelas 20 horas, a comissão de inquérito, afim de ultimar os seus trabalhos e tratar de um assunto de máxima urgência. Pede-se a comparecência de todos os membros.

Sindicato Único da Construção Civil.—Reunião amanhã, pelas 20 horas, os delegados, afim de se tratar de assuntos que se prendem com a marcha desta comissão.

Chaupeiros em Portugal.—Para assuntos de máxima urgência, reunião hoje, pelas 21 horas, a assembleia geral.

Manufactores de Calçado.—Reunião hoje, pelas 20 horas, a comissão de inquérito, afim de ultimar os seus trabalhos e tratar de um assunto de máxima urgência. Pede-se a comparecência de todos os membros.

Sindicato Único da Construção Civil.—Reunião amanhã, pelas 20 horas, os delegados, afim de se tratar de assuntos que se prendem com a marcha desta comissão.

Chaupeiros em Portugal.—Para